

IGREJAS ENXAIMEL EM ITAPIRANGA (SC): CONCEPÇÃO E EXECUÇÃO DE UM PROJETO ARQUITETÔNICO NO PARQUE VILA GERMÂNICA

HALF-TIMBERED CHURCHES IN ITAPIRANGA (SC): CONCEPTION AND EXECUTION OF AN ARCHITECTURAL PROJECT IN VILA GERMÂNICA PARK

Douglas Orestes Franzen¹, Simone Eidt²

¹Centro Universitário Uceff. E-mail: douglas@uceff.edu.br

²Escritório Simone Eidt Arquitetura. E-mail: arquitetasimoneeit@gmail.com

RESUMO

O texto busca refletir sobre a dimensão simbólica das igrejas em madeira e sua relevância patrimonial no contexto da colonização Porto Novo, atuais municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis. A proposta busca discutir sobre a relevância da arquitetura enxaimel como símbolo de identidade histórica e cultural, apresentando assim, uma proposta de edificação de uma réplica de uma igreja enxaimel, desde sua concepção até a sua execução, a partir dos princípios dessa técnica construtiva, defendendo a hipótese de que é possível reinterpretar o enxaimel na atualidade sem perder a sua essência.

Palavras-chave: Itapiranga, enxaimel, patrimônio arquitetônico, arquitetura em madeira.

ABSTRACT

The text seeks to reflect on the symbolic dimension of wooden churches and their heritage relevance in the context of the Porto Novo colonization, current municipalities of Itapiranga, São João do Oeste and Tunápolis. The proposal seeks to discuss the relevance of half-timbered architecture as a symbol of historical and cultural identity, thus presenting a proposal to build a replica of a half-timbered church, from its conception to its execution, based on the principles of this constructive technique, defending the hypothesis that it's possible to reinterpret half-timbered today without losing its essence.

Keywords: Itapiranga, timbered, architectural heritage, wooden architecture.

1. INTRODUÇÃO

As igrejas em madeira são símbolo de uma época para a colonização Porto Novo, atual Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis no extremo oeste de Santa Catarina. Como símbolo da paisagem, sintetizam a religiosidade tão característica da colonização étnica e confessional que se desenvolveu a partir de 1926 sob a égide da etnicidade germânica e da religiosidade católica. Como representação arquitetônica, sintetizam a singularidade da arquitetura enxaimel, aspecto que as tornam muito significativas no contexto da valorização dos elementos históricos e patrimoniais.

As igrejas em madeira construídas a partir da arquitetura enxaimel são muito expressivas e possuem um valor arquitetônico singular. Por isso, entende-se de que devam receber uma atenção especial no que tange ao resgate das técnicas construtivas e da vinculação patrimonial a elas atribuída.

A proposta do estudo é de compreender o processo de colonização de Itapiranga a partir de suas especificidades étnicas vinculando essa dimensão com a formação da paisagem dos núcleos coloniais, onde a igreja ocupou e ainda ocupa um papel de destaque.

A hipótese que se defende é de que o enxaimel é uma técnica construtiva que possui vínculo com a história e com as tradições culturais, por isso denota um valor patrimonial, bem como, entende-se de que essa técnica vernacular não está inerte a sua temporalidade histórica, e sim, apresenta a possibilidade de uma adequação à novas possibilidades contemporâneas da arquitetura.

A partir dessa contextualização, apresentamos uma análise da execução do projeto de construção de uma réplica de uma igreja enxaimel, edificada no Parque Vila Germânica localizado em Itapiranga. O projeto buscou fazer um estudo de resgate histórico e arquitetônico de uma igreja demolida e reinserir esse símbolo arquitetônico no contexto local com o objetivo de vincular a memória local com um empreendimento turístico. Assim, o texto analisa a execução de um projeto arquitetônico a partir da técnica enxaimel.

2. A COLONIZAÇÃO PORTO NOVO: UMA IDENTIDADE HISTÓRICA

O projeto de colonização Porto Novo foi idealizado pela Sociedade União Popular, denominada em alemão de *Volksverein*, instituição que coordenou a implantação de outras colônias alemãs no Rio Grande do Sul, vinculado aos Padres Jesuítas, com o objetivo de implantar no extremo oeste de Santa Catarina uma nova fronteira agrícola e social. O empreendimento foi financiado pela Cooperativa de Crédito *Sparkasse*, e fundado oficialmente no ano de 1926. Já no ano de 1928, a colonização recebeu o nome de Itapiranga, atual nome do município, gerando mais tarde a emancipação dos municípios de Tunápolis e São João do Oeste.

A característica do empreendimento Porto Novo era de aceitar somente migrantes que fossem de origem germânica e católica. Nesse sentido, famílias originárias das colônias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina compraram terras nessa colônia em busca de novas fronteiras agrícolas, onde as terras já estavam subdivididas e esgotadas. Da mesma forma, adquiriram terras em Porto Novo, imigrantes que fugiam das duras condições de vida em vilarejos europeus, expulsos pelas atrocidades da guerra, pela perseguição étnica-política, ou pelas péssimas condições de vida e de trabalho lá existentes.

O processo de fundação da colônia Porto Novo promoveu a transferência de um local para outro de uma bagagem cultural alicerçada em sujeitos através de uma estrutura socioeconômica e cultural que esses sujeitos trataram de transportar de seu local de origem através das instituições, organizações e no seu estilo de vida. O processo de migração/imigração é bastante complexo, envolve subjetividades e construção de vínculos trans-territoriais, onde a cultura, os padrões de vida, as redes simbólicas de sociabilidade se ressignificam pela transposição territorial, quando o ato de deixar uma região para se estabelecer em outra simboliza uma perda, mas também um ganho, uma nova vida, um novo desafio de construir um destino num novo espaço, muitas vezes inóspito e distante. Essa bagagem cultural e social dos migrantes adaptou-se ao meio, às limitações do isolamento percebido no período no extremo-oeste catarinense, fazendo com que os sujeitos construíssem uma nova identidade, com fortes traços herdados das colônias de origem, mas com uma nova dinâmica estrutural.

De maneira geral podemos sintetizar a origem dos colonizadores de Porto Novo sob duas perspectivas. A primeira das famílias imigrantes originárias da Alemanha e de colônias alemãs europeias como da região da Bessarábia, os *Deutschrumanen*, e do vale do Rio Danúbio na Iugoslávia, os *Donauschwaben* (JUNGBLUT, 2000). Essas famílias deixaram a

Europa motivadas por questões econômicas, políticas e territoriais do cenário conturbado das décadas de 1920 e 1930, sendo significativo o número de imigrantes que se estabeleceram em Porto Novo, principalmente por intermédio de agenciadores e de influência dos padres jesuítas e da *Volksverein* nesses processos migratórios. A segunda, composta de famílias descendentes da primeira geração de imigrantes alemães do século XIX que se estabeleceram nas colônias velhas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Essas famílias já estavam adaptadas ao território e ao clima brasileiro e deixaram suas regiões de origem motivadas principalmente pela questão fundiária e a degradação das relações produtivas, pela escassez de terras e limitações produtivas (ROCHE, 1969). Além disso, muitas famílias compraram terras em Porto Novo motivados pela propaganda de prosperidade, fartura territorial, de solo e de riqueza natural, além do atrativo étnico e cultural do catolicismo e da germanidade (MAYER, 2016).

Na concepção de Woortmann (1994) a migração de uma colônia velha para uma colônia nova seria um processo de dispersão que minimizaria a pressão demográfica nas primeiras, “fazendo com que o mesmo processo que produz a colônia nova reproduza a colônia velha” (WOORTMANN, 1994, p. 182). Ou seja, nesse processo migratório se reconfiguram conhecimento e vivências simbólicas que estruturam padrões de vida e de compreensões espaço-temporais.

Fato que se pretende destacar é de que havia uma intencionalidade conjectural em se formatar uma colonização homogênea étnica e cultural no local. Essa preocupação já vinha de longa data e o tema se acalorava entre lideranças católicas do *Volksverein*, elemento que se fundia na preocupação em constituir laços matrimoniais entre famílias católicas e alemãs, manutenção de costumes e tradições consideradas de índole cristã, relações comunitárias e sociais que conservassem padrões sociais tradicionais em oposição ao padrão moderno e heterogêneo então em voga no Brasil (WERLE, 2011). Essa preocupação com a homogeneidade étnica e confessional direcionou o desenvolvimento da colonização Porto Novo nas primeiras décadas, modelo que acabou caindo em desuso a partir da década de 1950. Mas é preciso destacar de que esse padrão germânico e católico foi determinante na formação de um sistema cultural, elemento que constituiu a base de identidade germânica presente na cultura local e que se manifestou na produção arquitetônica que se pretende analisar.

A colonização Porto Novo foi organizada da forma que fossem vendidos lotes rurais, de aproximadamente 25 hectares. Para a ocupação do território foram planejados centros comunitários, onde se zelava pela construção de uma capela e de uma escola, e em alguns casos também foram abertas casas comerciais para abastecer as famílias com suprimentos. A partir desses núcleos comunitários que se irradiavam as linhas coloniais, onde se assentavam as propriedades agrícolas e as famílias que adquiriam um lote, elemento que se repetiu em grande parte das colonizações alemãs no Sul do Brasil. Da mesma forma idealizados núcleos urbanos, que se formataram mais tarde nas sedes dos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis.

3. A ARQUITETURA COLONIAL E A IDENTIDADE GERMÂNICA

Simbolicamente o projeto de colonização inseriu um padrão de sociedade no território. De maneira geral, os projetos de colonização implantados no Oeste de Santa Catarina foram coordenados por empresas de colonização que recebiam as terras por concessão do Estado ou através da compra de extensas faixas de terras que eram divididas em lotes coloniais para a venda às famílias colonizadoras. Nesse sentido diversos empreendimentos se formaram na região na primeira metade do século XX, orquestrados pelas empresas colonizadoras. A procedência dos colonizadores era diversa, mas há de se destacar a predominância de famílias

provindas do Rio Grande do Sul. Esse processo de ocupação do território foi diverso, mas há alguns elementos de formação de nichos étnico-culturais de ascendência germânica, como, por exemplo, a colonização de Porto Feliz, atualmente município de Mondaí, que inicialmente fora idealizada para ser uma colonização de alemães de confissão evangélica sob coordenação da empresa Chapecó-Pepery e também na colonização do município de São Carlos, onde se instalaram diversas famílias de origem alemã bem de teuto-russos na comunidade interiorana de Aguiinhas. Esses nichos étnicos se formatam pela sociabilidade comunitária, pela influência familiar na aquisição de terras e pela identidade étnica-cultural.

Como atividade econômica inicial e obviamente como uma necessidade de ocupação do espaço, pode-se destacar a exploração da madeira muito vasta na região. A exploração da madeira movimentou um dos primeiros ciclos econômicos regionais fornecendo matéria prima para as edificações e para a comercialização. Esse ciclo econômico movimentou um capital financeiro considerável e colaborou enormemente na estruturação da economia regional (BAVARESCO, 2005). Além do potencial econômico, a exploração da madeira serviu de suporte para a constituição de um padrão arquitetônico local, principalmente residencial e de estruturação da propriedade como o paiol, o galpão e o estábulo. Grande parte das edificações construídas nas primeiras décadas eram feitas de madeira, principalmente com madeiras com durabilidade e qualidade para tal. A disseminação da arquitetura em alvenaria se popularizou mais a partir da década de 1950.

Para o momento nos interessa a dimensão do patrimônio imaterial do colonizador, ou seja, seu conhecimento sobre edificações e ocupação do território. A migração para Porto Novo exigiu uma adequação das famílias às limitações e potencialidades do território, tanto na abertura das zonas de colonização e derrubada da mata, bem como a assimilação de um novo padrão de vida diante da realidade e dos recursos disponíveis. Isso formatou uma simbiose entre a personalidade do colonizador e a natureza local, formatando uma relação de complementaridade. Há de se destacar que para as famílias colonizadoras foram muito importantes os conhecimentos dos caboclos e posseiros que viviam na região, conhecedores dos recursos naturais locais.

4. SÍNTESE DA ARQUITETURA ENXAIMEL: A RELEVÂNCIA PATRIMONIAL

O estilo enxaimel, ou *Fachwerk*, é um padrão arquitetônico atribuído historicamente às regiões germânicas da Europa central. Segundo Weimer (2005) o *Fachwerkbau* designa um padrão construtivo centenário, originário da sociedade feudal, em que as paredes são estruturadas por um tramado de madeira onde as peças horizontais, verticais e inclinadas são encaixadas entre si, em que os tramos são posteriormente preenchidos com taipa, adobe, pedra, tijolos, ou outro material que torne possível a vedação das paredes. O enxaimel original da Europa passou por processos de readaptação e reconfiguração ao longo dos tempos, reflexo da disponibilidade de recursos e das limitações na exploração da madeira para a construção civil. Paulatinamente foram agregados elementos estruturais, como blocos de pedra e no século XIX a alvenaria. Mas é preciso destacar de que, além do elemento estético, o enxaimel é de relevância estrutural.

Assim, a priori concordamos com Weimer (2005) e Wittmann (2019) de que o enxaimel é uma técnica construtiva, onde a plástica caracterizante de tal padrão arquitetônico se torna uma consequência de tal postulado. Ou seja, é preciso criar uma consciência de que o enxaimel é muito mais do que meramente aquela imagem romântica que se constitui de uma casa formada por um tramado de madeira com paredes compostas de tijolos à vista. O enxaimel, sendo essencialmente uma técnica de construção parte do princípio da estrutura, onde a plástica é uma composição final do processo, não a sua essência.

Conforme Wittmann (2019, p. 120),

Observando a linha histórica da civilização e constatando como todos os períodos desta, desde o momento em que o homem se fixou como agricultor e pastor no território da atual Alemanha, como também o fez, em outros locais do planeta, em diferentes contextos (períodos históricos, práticas e locais) a técnica construtiva enxaimel, no momento atual é o resultado de uma evolução tecnológica e de materiais da casa de madeira primitiva[...] Paulatinamente foi adaptada tanto às diferentes regiões do continente, em diferentes tempos, de acordo com a disponibilidade e tipos de materiais disponíveis, quanto às práticas dos homens que construíam estas casas.

Ao longo dos tempos essas construções foram recebendo novas adequações e elementos conforme a disponibilidade de materiais ou as necessidades climáticas e naturais, bem como a sua diversificação de usos, gostos e práticas sociais e culturais, mas sem perder a sua essência: a estrutura em madeira, independente das paredes e dos fechamentos (Wittmann, 2019). O senso comum atribui o enxaimel como uma prática arquitetônica característica somente das regiões germânicas, como Alemanha, Áustria e Suíça, mas, no entanto, essa concepção construtiva se disseminou pelo mundo e por variadas culturas sendo um princípio construtivo. Mas, temos de admitir de que o enxaimel ganha notoriedade pela sua ligação com as culturas germânicas do centro da Europa e das colônias fundadas pelos imigrantes que dali partiu para os outros continentes.

Os partidos gerais do enxaimel europeu são geralmente divididos em alemânico, franco e saxão, elementos que caracterizam a estética e as formas em que são estruturados os elementos. Não é nosso objetivo caracterizar cada uma dessas tipologias, mas é preciso destacar de que o partido tem uma característica genuína onde o elemento da madeira desempenha um papel fundamental tanto na estrutura, quanto na composição do telhado. A planta única é uma característica das edificações enxaimel, sendo as divisórias internas orquestradas em consonância com as pilastras de sustentação, principalmente nas edificações de maior porte.

Diversos elementos estruturantes compõem a arquitetura enxaimel (Figura 1) como os baldrames, os frechais e as tesouras como componentes do telhado, a composição dos esteios e os barrotes para escoras da estrutura. O sistema alemânico, por exemplo, é caracterizado por um afastamento maior dos esteios principais, o que exige um vigamento horizontal maior. Diferentemente do sistema franco, onde os esteios estão mais próximos e as escoras possuem leves ondulações. Os contraventamentos ocorrem nas três tipologias do enxaimel e oferecem maior estabilidade e rigidez à estrutura (GISLON, 2013).

É importante destacar também de que o enxaimel possui um programa bem amplo de aplicação, que vão desde residências com uma volumetria e escala mais reduzida e modesta à edificações de maior porte, com uma verticalidade mais expressiva. Além de ser aplicado em edificações, o enxaimel como técnica construtiva e conhecimento vernacular de uso da madeira, pode ser percebido em peças de mobiliário e em variadas formas de construtivas de aplicabilidade da carpintaria (WITTMANN, 2019).

Para o momento queremos considerar o fato de que esse partido construtivo veio para o Brasil junto com os imigrantes e se manifestou em diversas regiões de colonização germânica. No entanto, é preciso ter ciência de que houve a necessidade da adaptação do sistema construtivo às limitações impostas pelo meio, pela disponibilidade de matéria prima e pelas exigências climáticas. Apesar da ocorrência do frio na Região Sul do Brasil, as altas temperaturas que também ali ocorrem exigiram novos processos arquitetônicos.

É difícil, ou até impossível estabelecer uma tipologia da ocorrência do enxaimel na região de Itapiranga. Primeiro porque o fluxo migratório, apesar de homogêneo em alguns sentidos étnicos e culturais, foi originalmente bem diverso composto de imigrantes natos alemães e de teuto-brasileiros, descendentes de segunda ou terceira geração da imigração do século XIX. Segundo porque as técnicas construtivas tiveram que ser adaptadas à disponibilidade de materiais bem como à disponibilidade de recursos financeiros.

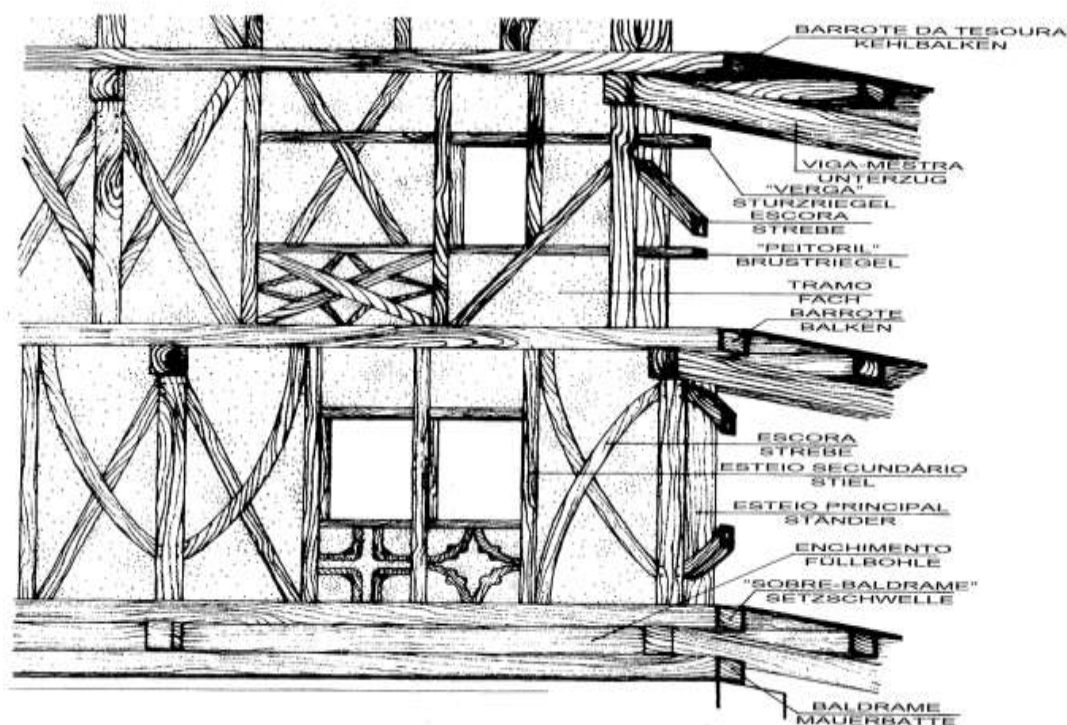


Figura 1: Estruturas do enxaimel franco. Fonte: Weimer (2005).

Mas é possível considerar a hipótese de que em Porto Novo há ocorrência considerável do enxaimel franco. Consideramos essa perspectiva porque a bibliografia acerca da imigração alemã parece estabelecer um consenso de que grande parte dos imigrantes que se instalou no Brasil é originária da região chamada de *Hunsrück*, localizada na região Sudeste da Alemanha, no Estado Renânia-Palatinado nas proximidades dos rios Mosel e Reno, na divisa atual da Alemanha, França e Luxemburgo. Essa perspectiva se torna mais consistente se formos analisar o fato de que em Porto Novo o dialeto alemão *Hunsrückisch* é preponderante (RUSCHEINSKY, 2014), e pelo fato de que essa região sudoeste da Alemanha ter uma influência muito forte do catolicismo-cristão, o que nos leva a concluir que muitos alemães e teuto-brasileiros que se instalaram em Porto Novo serem procedentes dessa região.

Outro fator que é preciso considerar é a relevância patrimonial do enxaimel como símbolo cultural e de relevância paisagística. Primeiro porque se trata de um conhecimento milenar de construir em carpintaria, um trabalho que vincula práticas de saber fazer, de conhecimento e de técnica de trabalho constituindo um símbolo de relevância material e imaterial. Segundo porque caracteriza o processo de formação da paisagem, porque o enxaimel se conecta com o ambiente natural. A casa do colono alemão, por exemplo, se conecta na cultura do *Hof*, termo que não pode ser traduzido literalmente, mas que designa o conjunto de funções que identificam a sede de um estabelecimento agrícola, compondo-se da residência, das benfeitorias, da horta, do pomar e do pátio (WEIMER, 2005).

5. AS IGREJAS ENXAIMEL: PONTO FOCAL DA PAISAGEM

A arquitetura em madeira representou um padrão construtivo muito comum na região de abrangência do estudo. Em primeiro lugar pela exuberância da matéria prima e em segundo por se tratar de uma manifestação muito comum pelo baixo custo construtivo em relação às edificações de alvenaria além de sintetizar um conhecimento de valor cultural. Nesse sentido diversas igrejas foram construídas em madeira na antiga colônia Porto Novo.

A igreja desempenha um caráter de relevância simbólica por representar, de maneira geral, o elemento comunitário de referência para grande parte dos núcleos coloniais, geralmente localizada em um espaço de destaque com um declive acentuado e pela sua volumetria singular, o que a diferencia das demais edificações. Por isso a arquitetura das igrejas simboliza o ponto focal da paisagem no contexto dos núcleos comunitários.



Figura 2: Igreja enxaimel do núcleo comunitário da Vila São João em 1953, ponto focal da paisagem. Fonte: Casa da Cultura de São João do Oeste, 2020.

Apresentamos um panorama das edificações que foram mapeadas e consideradas para esse estudo, sendo que muitas igrejas em madeira foram demolidas ao longo do tempo, principalmente para dar lugar à construções de alvenaria. Consideramos nesse panorama as igrejas que possuímos referências de arquitetura enxaimel. Os exemplares que encontramos em Itapiranga não possuem a estrutura enxaimel aparente, como costuma-se reconhecer a tipologia enxaimel, sendo que a estrutura é ocultada pelo fechamento de tábuas.

Tabela 1: Panorama de igrejas enxaimel da Colonização Porto Novo (Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis)

Igreja	Localização	Construção	Situação atual
	São João do Oeste	1945-1948	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura e no campanário

Igreja Matriz São João do Oeste			
 Igreja Linha Jaboticaba	Linha Jaboticaba, São João do Oeste	1936	Demolida
 Igreja São Rafael	Linha Popi, Itapiranga	1950-1952	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura.
 Antiga Igreja Matriz Itapiranga	Itapiranga	1929	Antiga edificação hoje é depósito de uma casa comercial. Mal conservada. Possui elementos de enxaimel na estrutura.
 Igreja Linha Macuco	Linha Macuco, São João do Oeste	1948	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos de enxaimel na estrutura.
 Igreja Linha Santa Cruz	Linha Santa Cruz, Itapiranga.	Não identificado	Bem conservada e utilizada pela comunidade. Possui elementos do enxaimel na estrutura

	Linha Pitangueira, Tunápolis	Não identificado	Demolida
Igreja Linha Pitangueira			

Fonte: Elaborado pelos Autores. Fotos: Arquivo dos Autores.

Para compreender o padrão construtivo das igrejas, iremos analisar a Igreja São Rafael por ter uma documentação iconográfica mais consistente. A Igreja São Rafael foi construída entre os anos de 1950 e 1952. O mestre carpinteiro da obra foi Reinoldo Goetz. A comunidade se engajou na construção da igreja, tanto na doação e coleta de madeira, na construção através de mão de obra voluntária (na cultura popular se chamava esse trabalho voluntário e *Frohnarbeit*, algo como um trabalho comunitário obrigatório). Para a estrutura foi utilizada a madeira da Cabreúva (*Myrocarpus frondosus*), a Canafístula (*Peltophorum dubium*) e o Pinus (*Pinus elliottii*) para o fechamento de tábuas.

Na Figura 3 observamos a estrutura enxaimel num flagrante de sua construção em 1952, com uma perspectiva frontal (1) e lateral (2). Podemos observar os esteios na nave central em peça única de aproximadamente 11 metros de altura. De forma longitudinal observam-se os baldrames encaixados com os esteios e escoras. Nas duas torres também observamos os encaixes estruturais caracterizantes do enxaimel.

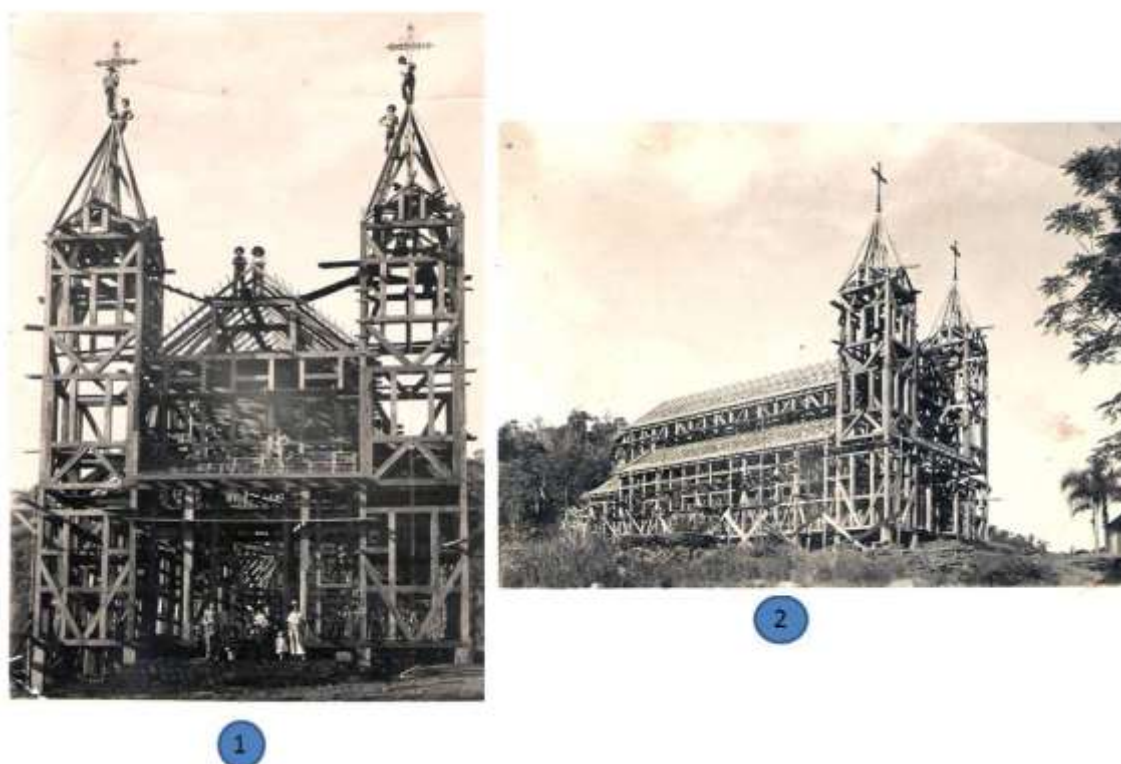


Figura 3: Igreja São Rafael, detalhes construtivos. Fonte: Arquivo da Comunidade São Rafael. Adaptado pelos autores. 2020.

6. JUSTIFICATIVA DO PROJETO: A RÉPLICA COMO MONUMENTO HISTÓRICO

A partir da perda de muitos exemplares de igrejas enxaimel na região, recentemente um empreendimento buscou reconstruir algumas edificações para a construção de um parque temático denominado de Vila Germânica. O Parque apresentará uma proposta de resgate da história e da memória da colonização de Itapiranga, bem como aspectos do desenvolvimento da agricultura através da realocação de edificações presentes na região e que estavam abandonadas pelos proprietários e também pela construção de réplicas de exemplares perdidos ao longo do tempo. O Parque está localizado na Linha Cordilheira, interior de Itapiranga e buscará oferecer espaços de visitação para turistas e comunidade local para que possam ter contato com exemplares de arquitetura colonial local. A ideia buscará aliar um empreendimento turístico com a temática da história e da cultura da comunidade, recriando um núcleo comunitário caracterizante do processo de desenvolvimento das linhas coloniais. Além de espaço turístico, o Parque tem como proposta servir de referência de memória e história local, como referência de identidade do processo de colonização e desenvolvimento da região, bem como espaço de educação patrimonial e valorização da história.

Dentre as várias edificações que serão alocadas ou reconstruídas para o referido Parque, apresentamos a proposta de reconstrução da igreja enxaimel de Linha Presidente Becker. Nesse sentido, a reconstrução da réplica a partir de um levantamento criterioso sobre as características arquitetônicas e os processos históricos inerentes à igreja em questão, pretende oferecer para a comunidade exemplares fidedignos da arquitetura enxaimel, na intenção de estimular a reflexão sobre a riqueza da arquitetura enxaimel como prática vernacular. Na concepção de Badalotti (2015) entende-se por arquitetura vernacular todo tipo de arquitetura produzida sem arquiteto, pelo povo, prática, caseira, é uma arquitetura anônima, comum, sem “pedigree”, nela se empregam recursos e materiais do próprio ambiente onde a edificação é construída, resultando em uma arquitetura de caráter local ou regional. O modo de vida dessas sociedades e seus valores são os determinantes na forma dessas construções.

Para entendermos a proposta da reconstrução da igreja enxaimel precisamos vislumbrar uma fundamentação conceitual presente na Carta de Burra, proposta pelo ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios). No seu Capítulo 5, a Carta apresenta a possibilidade de reconstrução de edificações que tenham tido sua integridade ameaçada por desgastes ou modificações, ou quando seja possível restabelecer ao conjunto de um bem uma significação cultural perdida.

No seu Artigo 18 a Carta de Burra estabelece que a reconstrução deve se limitar à colocação de elementos destinados a completar uma entidade desfalcada não devendo significar a reconstrução da maior parte da substância de um bem (CARTA DE BURRA, 1980). Mas e em casos de edificações completamente perdidas? É possível propor a reconstrução de um edifício para que sirva de referencial de memória? Essa nova edificação, mesmo tendo um partido arquitetônico similar, serve de referência arquitetônica de caráter patrimonial? Podemos legitimar a proposta da reconstrução da igreja enxaimel observando a justificativa de que é possível a reconstrução restabelecendo ao conjunto de um bem uma significação cultural perdida.

Para tanto, a proposta de reconstrução de uma igreja enxaimel pretende servir de referência histórica, um elo de conexão material diante de uma perda de uma edificação pelas circunstâncias do tempo. Nesse sentido, as réplicas materializam a imagem do passado como símbolo de memória e representação material do passado. A partir dessa vinculação com o passado as igrejas retomam, mesmo que parcial, sua função arquitetônica adquirindo caráter de monumento no sentido de representação histórica. Na visão de Choay (2001) o monumento

tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. A natureza afetiva do seu propósito é essencial, de tocar pela emoção, uma memória viva. Obviamente que não se pretende com a proposta criar um monumento que tenha a pretensão de se vincular e legitimar o contexto histórico ao qual as antigas igrejas foram construídas. O que se pretende é construir uma réplica com maior fidedignidade possível para que ela possa ser um símbolo de memória, e conseqüentemente ser incorporadas como monumento histórico através de uma linguagem arquitetônica. É uma edificação nova, mas concebida a partir de leitura histórica e de um estudo arquitetônico detalhado de uma igreja demolida.

A proposta de construção da réplica se fundamenta na ideia do restabelecimento de um padrão arquitetônico no tempo presente mantendo a sua conexão temporal com o passado como símbolo de arte, de um saber fazer do passado, de uma expressão histórica materializada através da arte arquitetônica. Nesse sentido, utilizou-se do pressuposto restaurativo de Brandi, no sentido de evitar ao máximo possível o falso artístico ou um falso histórico, e elucidar o conceito de refazimento como prática de reconstrução.

Também um refazimento testemunha a intervenção humana, e também ao refazimento deve ser dado um lugar na história. Mas um refazimento não é o mesmo que uma adição. A adição pode completar, ou pode desenvolver, sobretudo na arquitetura, funções diversas das iniciais; na adição, não se recalca, antes, se desenvolve ou se enxerta. O refazimento, ao contrário, pretende replasmar a obra, intervir no processo criativo de maneira análoga ao modo como se desenrolou o processo criativo originário, refundir o velho e o novo de modo a não distingui-los e a abolir ou reduzir ao mínimo o intervalo de tempo que aparta dois momentos. (BRANDI, 2004, p. 73)

7. RESGATE HISTÓRICO E TIPOLÓGICO DAS IGREJAS DE LINHA PRESIDENTE BECKER

A Linha Presidente Becker teve seu desenvolvimento histórico vinculado ao processo de colonização de Porto Novo (Itapiranga). No entanto, uma peculiaridade pode ser destacada para essa localidade: a singularidade étnica germânica pela excepcionalidade de que nessa região se instalaram famílias de ascendência alemã. Schneider (2019) destaca de que essa localidade foi destinada para receber imigrantes da Alemanha no contexto da década de 1930, o que acabou formando um quisto étnico relativamente homogêneo.

Esses imigrantes trouxeram consigo padrões de cultura, conhecimentos e formas de vida que se adaptaram à nova realidade diante do contexto natural e climático. Dentre esses conhecimentos nos interessa no momento o saber construir, que obviamente possuía muitos nuances, mas que se refletiu também através do enxaimel.

Em Linha Becker foram construídas duas igrejas em madeira com o padrão construtivo enxaimel. A primeira (Figura 4), construída em 1937 acabou sendo destruída por uma tempestade. Após esse episódio a comunidade construiu uma nova igreja em madeira, com as mesmas dimensões da primeira, mas com uma estrutura mais reforçada. Na primeira igreja construída a torre sineira fazia parte do volume da nave principal, enquanto que na segunda construção a torre foi anexada à nave central criando uma nova saliência na fachada frontal.

A segunda igreja foi construída buscando as características principais da fachada mas com uma estrutura mais consistente. Podemos observar a técnica enxaimel no registro de sua construção da segunda igreja, como vemos na Figura 5, onde observamos a estrutura numa perspectiva frontal (1) e os detalhes da torre (2).



Figura 4: Primeira igreja em madeira de Linha Presidente Becker. Fonte: Arquivo de Estevão Wermuth.



Figura 5: Detalhes da estrutura enxaimel da igreja. Fonte: Arquivo da comunidade de Linha Becker. Adaptado pelos autores, 2020.

A segunda igreja (Figura 6) foi construída no mesmo local da primeira e foi demolida para a construção de uma nova igreja em alvenaria no início da década de 1970. O que existe no centro comunitário de Linha Presidente Becker é uma réplica em menor escala que serve como testemunho da história.



Figura 6: Segunda igreja de Linha Presidente Becker, ano de 1953. Fonte: Spohr, 2016, p.127.

8. CONCEITO E PARTIDO

A proposta do projeto de uma réplica buscou sintetizar as características das duas igrejas a partir de um estudo histórico e iconográfico, através de fotos históricas e depoimentos de moradores da comunidade que relataram características arquitetônicas a partir de fragmentos de memória do passado.

O conceito buscou criar um vínculo com a identidade histórica das comunidades da colonização Porto Novo. A partir do projeto Parque Vila Germânica, com uma proposta de recriar uma vila germânica, o projeto precisaria desenvolver a construção de uma igreja pela sua representatividade simbólica como núcleo comunitário. Como a comunidade de Linha Becker é muito significativa para a história de Itapiranga, como espaço de colonização germânica e local da realização da primeira Oktoberfest do Brasil, optou-se por construir uma réplica da antiga igreja da comunidade como símbolo histórico e arquitetônico pela expressão enxaimel remeter à etnicidade germânica.

A partir dos depoimentos de moradores foram catalogadas informações sobre as duas igrejas tanto nos detalhes das fachadas, das aberturas, das escalas, da planta, do mobiliário e da escada de acesso à torre.

O partido da construção da réplica buscou valorizar o ponto focal da representatividade da igreja para os moradores da comunidade de Linha Becker. A igreja representa um elemento muito significativo para as comunidades da região, como símbolo histórico e cultural. Nesse sentido a igreja pela sua volumetria está alocada no Parque como elemento significativo no conjunto arquitetônico e paisagístico.

Para a execução do projeto foi considerada a fachada da primeira igreja a partir de relatos de moradores da comunidade e a estrutura da segunda a partir de fotografias de sua construção, o que sintetiza as características arquitetônicas das duas. Assim, a proposta de

construção de uma réplica é a simbiose de duas edificações. A partir disso a proposta apresenta a seguinte volumetria e representação:



Figura 7: Representação gráfica da proposta de edificação. Fonte: Simone Eidt, 2019.

9. EXECUÇÃO DO PROJETO

Depois de elaborada a planta virtual da proposta, foi contratada a empresa Casas Enxaimel de Blumenau/SC. A empresa é especializada em restauração e construção de edificações enxaimel buscando respeitar e valorizar os princípios da técnica arquitetônica. A partir da planta virtual foi elaborada uma maquete em menor escala para estudo e detalhamento do projeto, como podemos observar na Figura 8, com uma perspectiva lateral (1) e frontal (2) da maquete.

Após aprovação e estudo detalhado da proposta, a empresa Casas Enxaimel iniciou a confecção da estrutura da igreja. A empresa busca respeitar as técnicas típicas do processo construção enxaimel. Essa é uma das características positivas do enxaimel, porque a edificação pode ser montada e desmontada a partir de um detalhamento numeral dos encaixes da estrutura e o fechamento das paredes pode ser feito no local da construção a partir de materiais diversos, como tijolos (a vista ou com reboco), tábuas, vidro.

Para a construção foi providenciada uma base de concreto de 8mx13m para que o nivelamento se tornasse possível. A partir dessa base iniciou-se a montagem da estrutura.

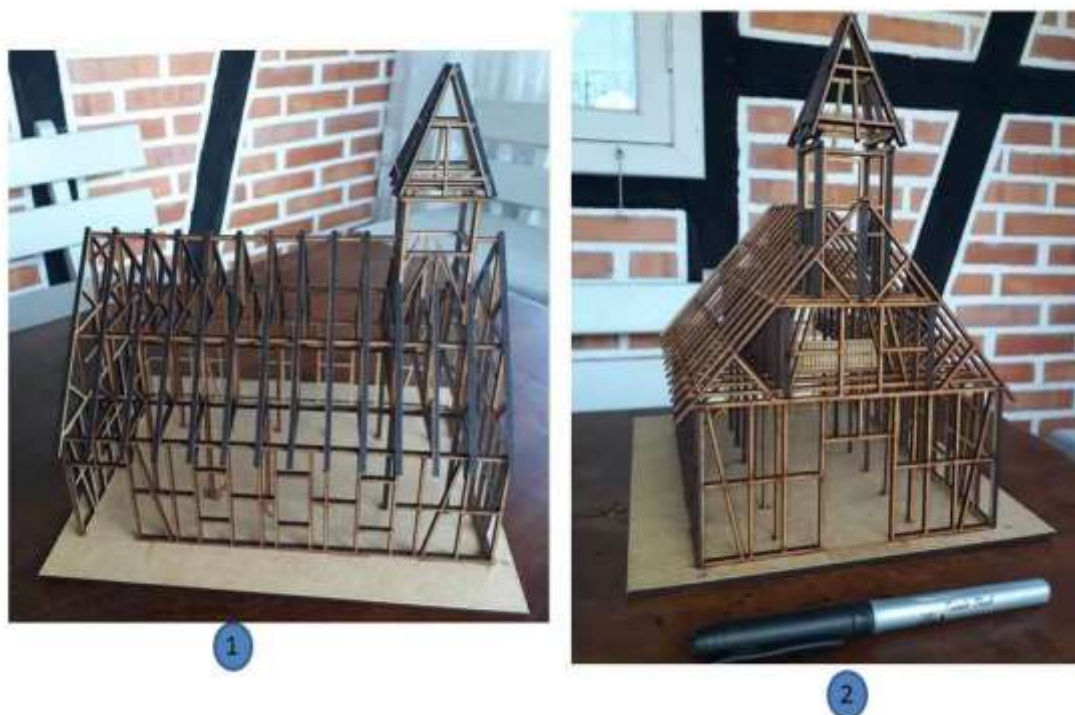


Figura 8: Maquetes elaboradas pela empresa Casas Enxaimel. Fonte: Casas Enxaimel, 2019. Arquivo dos autores.



Figura 9: Detalhes da montagem da estrutura. Fonte: Simone Eidt, 2019.

O encaixe das peças se torna possível a partir da numeração de cada peça, aspecto construtivo típico da técnica enxaimel. Na Figura 10 podemos perceber a numeração e os pregos de madeira onde são encaixadas as peças. Para a execução da edificação foi necessário

um estudo detalhado da ação das forças e do vento para que a estrutura fosse consistente. Na finalização da construção optou-se por acrescentar contraventamentos para que a estrutura pudesse suportar as ações do tempo. A madeira utilizada foi o pinus tratado e como selante utilizou-se óleo queimado.



Figura 10: Detalhe da numeração para encaixe das peças. Fonte: Simone Eidt, 2019.

A cobertura foi outra questão importante no desenvolvimento do projeto. A primeira igreja de Linha Becker era coberta com taubilhas de madeira, as populares telhas feitas de madeira muito comuns na colonização (em alemão chamadas de *Schindeln*). Foi contatada uma empresa especializada de São Paulo, mas, no entanto essa empresa não realizava entregas para o Sul do Brasil, além do custo ficar muito alto.

A equipe de marceneiros e carpinteiros que atuava na obra considerou a possibilidade de fazer manualmente as taubilhas, opção que também foi desconsiderada pela grande quantidade de madeira necessária e pela complexidade de mão de obra para o trabalho, visto que a cobertura precisa ser bem feita para a conservação do enxaimel.

Assim partiu-se para o estudo da cobertura da segunda igreja de Linha Becker, que segundo relatos de moradores era feito de zinco. O zinco foi outra cobertura bastante utilizada historicamente em edificações locais. Por isso optou-se pela cobertura de aluzinco para a edificação atual que imita a telha cerâmica.



Figura 11: Detalhes da colocação do telhado e do fechamento com tábuas. Fonte: Simone Eidt, 2019.

Para o assoalho optou-se utilizar o porcelanato que representa tábuas de madeira, porque é muito importante isolar a umidade, visto ser necessário proteger a estrutura de madeira. O porcelanato é uma solução técnica mais duradoura que oferece um aspecto caracterizante do assoalho de madeira típico das antigas igrejas.

A finalização da execução do projeto proporcionou uma edificação de considerável valor arquitetônico porque busca valorizar a riqueza e a singularidade da arquitetura enxaimel, no intuito de estimular uma reflexão da sociedade sobre a dimensão patrimonial dessas edificações para o contexto cultural e histórico local. Na Figura 12 percebemos uma perspectiva frontal (1) e uma perspectiva lateral (2) da edificação enxaimel concluída.



1



2

Figura 12: Perspectivas da edificação concluída em Agosto de 2020. Fonte: Simone Eidt, 2020.

10. CONCLUSÃO

A história da colonização de Itapiranga reflete um padrão cultural que torna sua identidade germânica muito representativa. Nesse sentido, o processo de formação da colônia constituiu um processo sociocultural que formou uma gênese étnica que se manifesta atualmente nas tradições, nos valores e nos símbolos culturais.

Dentre esses símbolos, destacamos aqui as igrejas enxaimel que foram construídas ao longo do processo de desenvolvimento da colônia, muitas delas já não mais presentes na paisagem e outras ainda vivas no contexto atual como símbolo de uma identidade histórica da arquitetura em madeira. Assim, destacamos aqui a relevância dessas igrejas para a dimensão patrimonial e como tal, merecem uma valorização pela sua dimensão simbólica e pela relevância paisagística que desempenham no contexto local.

Dessa forma o estudo buscou discutir a importância da arquitetura enxaimel como símbolo de identidade germânica que se vincula à história e à cultura, tanto na sua dimensão material como manifesto arquitetônico, bem como, um saber edificar a partir da técnica construtiva enxaimel, constituindo um valor de conhecimento vernacular.

A partir disso, é apresentada a proposta de construção de uma réplica de uma antiga igreja enxaimel simbolizando uma proposta de valorização e requalificação da arquitetura enxaimel. A construção se enquadra num empreendimento de cunho turístico que pretende oferecer para a comunidade exemplares de arquitetura de caráter histórico para fins de apreciação, conscientização e obviamente de valorização.

11. REFERÊNCIAS

BADALOTTI, Claudine M. **Arquitetura, etnicidade e patrimônio:** as construções da imigração italiana na Rota dos Caminhos de Pedra no Rio Grande do Sul. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

BAVARESCO, Paulo. **Ciclos econômicos regionais:** modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense. Chapecó: Argos, 2005.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração.** Tradução de Beatriz Kühl. Cotia SP: Ateliê Editorial, 2004.

CARTA DE BURRA. 1980. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – Icomos, 1980. Disponível em <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>>
Acesso em 31/07/2020.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

GISLON, Jacinta Milanez. **A invenção da cidade germânica**: tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC. 173 p. Florianópolis. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Arquitetura da UFSC, 2013.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.

ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Tradução Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969

RUSCHEINSKY, Elena W. **“Uma vez” falando em alemão**: o uso da variante no português falado em Itapiranga e São João do Oeste-SC. 118 f. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFFS, Chapecó, 2014.

SCHNEIDER, Maikel Gustavo. Talvez eu nunca mais veja minha terra natal: a trajetória de imigrantes alemães na colonização de Porto Novo/SC (1932-1942). São Carlos: Pedro&João Editores, 2019.

SPOHR, P. Inácio. História das casas: um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil – Paróquia São Pedro Canísio Itapiranga/SC. Porto Alegre: Padre Reus, 2016.

WEIMER, Günter. **A arquitetura popular da imigração alemã**. 2ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

WITTMANN, **Angelina**. **Fachwerk** – a técnica construtiva enxaimel. Blumenau: AmoLer Editora, 2019.

WERLE, André Carlos. **Porto Novo**: o reino jesuítico germânico no oeste de Santa Catarina. Curitiba: CRV, 2011.

WOORTMANN, Ellen. Herdeiros, parentes e compadres. São Paulo: Hucitec, 1994